

BOMBA DIGITAL

O REIMYO CDP-777 É UM PRODUTO DE 'FUSÃO', NÃO DA FUSÃO NUCLEAR – EMBORA SEJA UMA BOMBA DIGITAL! – MAS DO ENGENHO E ARTE DE TRÊS EMPRESAS JAPONESAS. E PAUTA-SE COMO UM DOS LEITORES-CD MAIS CAROS DO MUNDO: 14 000 EUROS!...



Reimyo CDP777, candidato a melhor leitor-CD do mundo

Da união de esforços da Combak Corporation, do «guru» Kazou Kiuchi, que se especializou no controlo de ressonâncias; Kyoto Denshi, fabricante de instrumentos mecânicos de elevada precisão; e JVC, que inventou o processo K2 de conversão e masterização utilizado no registo dos XRCD, resultou este autêntico tanque de guerra: sólido, pesado e... de carregar por cima. A tampa manual do Reimyo, em acrílico castanho-fumado é o único toque de leveza em todo o conjunto. Embora eu ache que devia ser opaca para evitar interferências da luz externa.

O Reimyo CDP-777 é um leitor-CD *tout court*: reproduz apenas CD. Nem SACD nem DVD, nada, portanto, que possa justificar o preço de 14 000 euros que pedem por ele, numa época em que com apenas 100 euros se pode comprar um modelo montado na China, que reproduz tudo incluindo DVD.

Basta ouvir um XRCD reproduzido em qualquer leitor-CD para perceber que o CD não tem afinal o som perfeito que a propaganda lhe atribuiu. Mas a minha experiência auditiva com o Reimyo sugere que há algo mais que um «polimento» das arestas vivas do digital para que o CD possa soar como música. Oiçamos, pois, o Reimyo.

Uma das muitas faixas que utilizo amiúde como referência é *Jojo* de Jacques Brel. É uma peça aparentemente simples: guitarra registada em cima no canal esquerdo, voz fortemente centrada e uma sobreposição posterior de guitarra «atmosférica» em fundo.

A interpretação de Brel, contudo, é de extrema complexidade vocal: das inflexões e técnica de respiração; da dicção perfeita, com todas as sílabas sublinhadas e encadeadas num crescendo de emoção; até às palavras ásperas que lhe brotam da alma

em catadupa, depois de previamente humedecidas em saliva para suavizar os «érres» que rolam na língua como seixos em leito de rio precipitando-se para a cascata de sentimentos que nos inunda a alma.

Já ouvi *Jojo* reproduzido de muitas formas: da mecânica à profundamente humana. O disco é o mesmo, o intérprete também. Numa outra canção, há um aviso de Brel: «La vie ne fait pas de cadeaux». É de facto angustiante que para extrair até à última gota de «humanidade» presente em *Jojo* se tenha que pagar tanto dinheiro pelo Reimyo CDP-777. *C'est la vie!*...

Ao fim de muitos anos de experiências, concluí que, se um componente reproduz bem a voz humana e o piano, normalmente reproduz bem tudo o resto. O Reimyo é transcendente em ambos os casos e deita por terra a ideia feita de que o som digital é desprovido de musicalidade intrínseca porque alegadamente reduz a música a uma sequência de números. Também a chave do euromilhões é uma sequência de números e pode dar bem estar a uma pessoa. O que é preciso é acertar! O algoritmo de conversão K2 da JVC serve-se de técnicas sofisticadas de *oversampling* e *upsampling* (ler em www.hificlube.net) que parecem acertar sempre em cheio na música.

O piano é um instrumento percussivo. E é assim que soa com a maior parte dos leitores-CD: martelado. Tenho um disco de Valentina Lisitzina, uma virtuosa russa, que interpreta Liszt num Bosendorff Grand – o registo de Peter McGrath é fabuloso. Valentina não será a melhor intérprete mundial de Liszt, admito, mas é por certo a mais espectacular: foi treinada desde tenra idade para vencer concursos. O poderoso instrumento vibra e faz-nos vibrar com a força das suas interpretações. Já ouvi este disco centenas de vezes. O

res» são mais naturais. Mesmo os melhores leitores-CD têm uma «temperatura» de som fria. Como se a temperatura das cores do som pudesse ser medida também em graus Kelvin e manipulada no Photoshop como sucede na fotografia digital. Mais elevada e as cores tornam-se frias e azuladas, mais baixa e ganham os tons quentes do sangue. O DAC64 é um pouco mais «quente» e isso esbate ligeiramente os contornos. O Reimyo tem a temperatura ideal, algo que é aparente em toda a gama do espectro audível e tudo ganha em definição.

O grave é o melhor que já ouvi a partir de um CD: é poderoso sem ser enfático, definido e articulado sem se tornar demasiado tenso; desce ao inferno da última oitava com a pose serena do herói mítico em busca do fogo sagrado. A resolução é de tal ordem que as nuances que definem o timbre dos diferentes instrumentos permitem identificar a sua génese acústica ou electrónica com uma claridade que não cessa de me deslumbrar. Seguir a linha do baixo com o Reimyo já não é apenas uma metáfora piedosa do crítico à míngua de palavras grandiloquentes e eufemismos vazios de sentido, é um dado adquirido e repetidamente comprovado, logo objectivo.

A focagem de vozes e instrumentos é perfeita e parece ser independente do número de efectivos em palco. Mais extraordinário ainda é o facto de esta capacidade não ser obtida à custa de uma iluminação excessiva do palco sonoro. O Reimyo pode até soar «escuro», admito. Mas, quando os olhos se habituam à escuridão, os intervenientes ganham forma e tornam-se tangíveis, parecendo emanar deles partículas subtis de luz interior que os individualizam sem que se verifiquem choques físicos (o palco é amplo e profundo e há espaço para todos) ou de personalidade (a variedade tímbrica chega a ser exaltante), algo que só se experimenta com os melhores gira-discos analógicos.

Ora isto é tanto verdade para os que estão na boca do palco como para os que estão colocados discretamente lá atrás. Com o Reimyo os músicos com «papéis» secundários não são abafados pelo solista: mesmo os sons mais insignificantes são audíveis. Há quem lhe chame riqueza de detalhe, que paradoxalmente se obtém com um pouco de compressão dinâmica (a compressão «encurta» a diferença entre os sons de nível mais baixo e mais elevado, realçando os primeiros). Eu aqui prefiro a expressão «solidariedade acústica», porque a dinâmica não revela limitações óbvias e todos os sons sem excepção são importantes para o resultado final.

Será que apesar ou sobretudo pelo que fica dito se justifica alguém pagar 14 000 euros por um leitor-CD? Respondo com outra pergunta: será que as horas de um Rolex têm mais minutos que as de um Swatch?... ■■

Distribuidor: Ajasom, 21 474 87 09
ajasom@mail.telepac.pt

José Victor Henriques

www.hificlube.net
jvhsom@netcabo.pt